

## **A FORMAÇÃO EM PROFESSORA PRIMARIA COMO ESTRATÉGIA DE ASCENSÃO SOCIAL E ESTABILIDADE ECONÔMICA DE MULHERES NEGRAS EM FEIRA DE SANTANA 1940-1970**

**Izabela de Jesus Santos<sup>1</sup>; Ione Celeste de Sousa<sup>2</sup>**

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando em Licenciatura em Pedagogia, Universidade Estadual de Feira de Santana, email: [jsantosbela@yahoo.com.br](mailto:jsantosbela@yahoo.com.br)
2. Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: [ionecjs@gmail.com](mailto:ionecjs@gmail.com)

**PALAVRAS-CHAVE:** Escola Normal, Professoras negras, Ascensão social e econômica

### **INTRODUÇÃO**

Desde meados do século XIX o principal objetivo na implantação das escolas normais no país foi assegurar a formação de professores para atuar nas aulas públicas do Império. Contudo, foi uma demanda não atendida, pois, segundo Villela (2000), as primeiras décadas republicanas ainda sofreram pela falta de professores capacitados frente às mudanças políticas, econômicas, sociais e culturais, com destaque para as regiões do interior. Ainda de acordo com a autora, o país passou por reestruturações, tanto no que diz respeito aos currículos escolares, quanto nos programas educacionais, que tinham como meta implantar novos modelos e novas práticas de ensino no país.

A partir dessas mudanças, foi preciso que o corpo docente fosse habilitado para implantar as novas disciplinas morais e normatizadora, para modelar os novos e desejados sujeitos sociais à ordem urbana. Tal função segundo Sousa (1999),

Em uma primeira leitura, não era indicada uma distinção de gênero; a designação de ações e proposta usava o termo no genérico masculino, tido como neutro. Todavia, foram às normalistas que a maioria dos discursos da época se referia e dirigiram, tomadas como as agentes privilegiadas para o sucesso do objetivo proposto (p.18).

Tal discurso estava ancorado ao processo de feminilização do magistério, que possibilitou uma majoritária inserção da mulher neste mercado de trabalho. A profissão de professora passou a ser, no período de 1880 a 1940, uma possibilidade positiva e valorizada de ingresso feminino no mercado de trabalho, alcançado assim certa aprovação social, antes conquistada apenas pelo casamento. Para muitas foi garantia de uma estabilidade econômica, e uma possível ascensão social e intelectual, tendo em vista o destaque que esta profissão possuía na época.

Vale ressaltar que a escola primária exercia forte influência na construção dos valores morais e éticos da sociedade, apresentavam-se como tributárias na identidade do cidadão, como na perpetuação de símbolos pátrios, rituais cívicas, e a exaltação de heróis patrióticos.

Assim, perante a importância desta instituição de ensino, aponto meu interesse em pesquisar a formação em professora primária de mulheres negras, que tenham cursado uma Escola Normal. O período que investigo são os anos de 1950-1970, e tive como objetivo de pesquisa se o curso de magistério foi uma estratégia de ascensão econômica e se possibilitou mobilidade social.

## METODOLOGIA

A durante o processo de investigação foi emergindo o interesse em conhecer normalistas egressas da Escola Normal de Feira de Santana, bem como de outras localidades como ex - normalistas do Instituto Normal da Bahia e da Escola Normal de Jaguaquara. O que levou a incorporação da História Oral como possibilidade de pesquisa, que acabou tornando-se a fonte principal.

Como instrumento para coleta de dado foi escolhido a modalidade de entrevista semi-estruturada. Elenquei a entrevista a fim de que os sujeitos envolvidos relembressem, recordassem suas vivências, experiências e os acontecimentos que presenciaram ou que marcaram seu período de formação em professora primária.

## ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A educação feminina teve pouca relevância durante muito tempo nos estudos históricos, como também na História da Educação. Foram desenvolvidas apenas pesquisas neste campo a partir da década de 1970, pela iniciativa de historiadores e historiadoras, que incluíram em suas pesquisas temas que abarcassem o cotidiano do indivíduo, a sexualidade, questões do negro, a criança, bem com a questão da mulher na sociedade.

Os estudos sobre a ação da mulher na educação possibilitam a compreensão do processo educativo na formação das gerações de mulheres que constituíram, e colaboraram, de forma significativa no processo da educação brasileira, tendo em vista que foram nos espaços escolares que a mulher tornou-se visível ao campo da pesquisa como objeto de investigação (LIMA, 2006).

Segundo Louro (1998) a escola inicialmente pensada para alguns, lentamente foi chamada a agregar uma parcela da população que anteriormente tinha seu acesso negado, “ela precisou ser diversa na sua organização, currículo, prédio, docentes, regulamento, avaliação, iriam explicitar ou implicitamente, “garantir” e também produzir as diferenças entre os sujeitos” (p. 57).

Sob este prisma a Escola, e a escolarização no país, entre as décadas de 1890 e 1945, passaram por inúmeras reformas, entre elas, aquelas que visaram adaptar o contingente feminino que adentrava suas portas, tanto nas escolas primárias de primeiras letras, como nas Escolas Normais, e foi sendo lentamente ressignificado, para atender essa nova demanda da sociedade.

Segundo Cruz (2004), com as reformas no campo educacional dos anos 1920-1940, foi realizada mudanças no ensino primário, como a retomada sistemática preparação de professores para atuar na docência, no intuito de diminuir os professores leigos que ocupavam as cadeiras de diversas cidades e regiões. Tal estratégia acabou dando a oportunidade para muitas mulheres ingressarem nas escolas normais a fim de obter uma formação profissional, já que nesta época o fazer magistério continuava como opção primordial de formação profissional feminina.

Essa experiência do fazer magistério, o curso normal, como algo diferente, e demarcador de um papel social específico, está registrado na fala das professoras egressas das escolas normais.

*Para mim foi uma realização muito grande, se fosse para voltar [no tempo/atrás], eu teria escolhido a profissão de professor e ia alfabetizar de novo. A.M*

O magistério primário foi configurado como a atividade profissional feminina por excelência. Em termos simbólicos ações cotidianas realizadas por mulheres foram ressignificadas como “características naturais da mulher” e se tornaram fatores predominantes para que o magistério a vocação, a afetividade, a docilidade e uma aptidão maternal. Esta questão da presença feminina majoritária nos cursos de formação ao magistério, bem enfatizado nas memórias das depoentes, consolidando a maciça mão feminina neste campo profissional,

*Vamos dizer que éramos 35 alunos na sala, tinha 34 meninas e um menino. H.S*

Como afirma também a ex-normalista na fala transcrita abaixo, a inexistência de alunos do sexo masculino, transcrita na fala abaixo,

*Todas da minha turma só tinham pessoas com a letra A, eram muitas [...] naquela época não conheci nenhum aluno homem, não tinha, ser professor naquela época era mais específico do sexo feminino, era uma coisa específica, eu sempre ouvi isso. A. M*

Esta baixa ou inexistência da presença masculina nos cursos preparatórios para atuar nas escolas primárias já foi objeto de pesquisas na Educação, tanto nos aspectos sociológicos, antropológicos, históricos e demais que mantêm interfaces com este campo do saber, quanto aos que a ocasionaram: o processo industrial que ocorria no país, a baixa remuneração, bem como a associação que a profissão tinha com as funções domésticas, questões tradicionalmente cultivadas na sociedade, e que teriam desencadeado um preconceito em relação à profissão.

As escolas normais eram espaços de prestígio, freqüentados inclusive por filhas de pessoas da elite. O depoimento abaixo aponta pelo menos a esta presença de moças oriundas de grupos abastados, ainda que não corrobore totalmente a generalização da supracitada autora,

*Tinha gente de muita condição, super condição, por sinal tinha uma colega, que era bisneta dos fundadores da cidade, família nobre, e por sinal, nos dávamos muito bem (...) tanto ela como a família, não havia distinção. N.B*

Os depoimentos destas ex-normalistas, que foram professoras primárias atuantes, ressaltando a existência de moças pobres, permitiram a ligação com a problemática que articula esta pesquisa - que o magistério foi uma estratégia de ascensão econômica e social de mulheres negras. No depoimento a seguir observamos na fala da ex-normalista M.B, a experiência de ter sofrido diferença de tratamento, por parte de colegas.

*Naquele tempo existia na escola normal o dia de excursão denominado por ela como “embaixada”, na qual foi impedida de participar pelas colegas de turma. Elas começaram a fazer comércio, vender coisa pra angariar fundos pra a embaixada, quando resolveram, o diretor procurou saber por que eu não iria provavelmente elas disseram por que eu era pobre e negra. M.B*

Em sua fala, outro momento que evidencia a discriminação racial vivenciada por esta normalista, foi na escolha da cor da beca de formatura:

*Ai depois eu fiquei sabendo que elas iriam fazer a beca vermelha para eu não participar, eu disse que eu não queria mesmo participar por mim elas poderiam fazer a cor que elas quisessem. Para eu não participar por que eu era negra e negro não veste vermelho. M.B*

A fala desta normalista indica que questões raciais permeavam os espaços escolares de formas muitas vezes sutis, inclusive como as próprias depoentes, enquanto moças negras incorporaram estes preconceitos contra os negros.

As vivências expressas nas falas das entrevistadas corroboraram para intensificar o questionamento inicial deste trabalho, que surgiu da leitura da bibliografia específica sobre história do Magistério, uma vez que a formação em professora primária, e o exercício do magistério, permitiram uma ascensão econômica feminina, pois através do magistério essas mulheres conseguiram renda econômica própria, sob sua própria gerência<sup>1</sup> permitindo-lhes ainda serem reconhecidas na sociedade abrindo-lhes novos caminhos de participação histórico-social através da educação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dialogar com a trajetória da História da Educação no Brasil possibilitou perceber que o sistema educacional sempre esteve impregnado de interesses elitistas, a fim de estabelecer um regime dos quais seus ideais fossem disseminados por todo o país. Com a democratização do ensino foi possível constatar, que ao passo em que os estabelecimentos de ensino de certa forma incluíram, eles também estabeleceram um regime de exclusão. Assim com os dados analisados foi possível perceber que a profissionalização do magistério, tornou-se um caminho para a estabilidade econômica e prestígio social dessas mulheres, bem como trouxe à tona as questões das relações raciais desenvolvidas no âmbito dessas instituições, revelando como essas questões permaneceram no campo das relações no cotidiano escolares.

## REFERÊNCIAS

- CRUZ, Antonio Roberto Seixas Da. **Mestras no Sertão**: reconstituindo caminhos percorridos. Salvador, BA, 2000. 193 f Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação.
- LIMA, Marta Maria Leone. **Magistério e Condição Feminina**. In: Ritos, Mitos e Fatos-Mulher e Gênero na Bahia. Coleções Baianas. NEIM Salvador, 1997.
- LOURO. Guacira Lopes. Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- SOUSA, Ione Celeste de **Escolas ao Povo: experiências de escolarização de pobres na Bahia Oitocentista-1870 /1890**. Tese de Doutorado em História Social. SP: PEPGHS- PUC/SP; 2006.
-